

A conquista da nota 4

Coordenadores:

Pierre Girard (2003-2006)

Cátia Nunes da Cunha (2006-2008)

Jerry Magno Ferreira Penha (2008-2010)

Nosso Programa passou por um bom momento de oportunidades neste período. Pierre Girard se lembra do otimismo da época, considerando que o governo brasileiro tinha políticas claras de apoio à pesquisa, com recursos consistentes e principalmente descentralizados, isto é, direcionados também às regiões distantes do eixo sul-sudeste e que a gestão superior da UFMT estava afinada com este movimento.

Pierre destaca especialmente o "Casadinho", um programa da CAPES que visava promover o fortalecimento e a consolidação de Programas de Pós-Graduação no país estimulando o apoio de um programa consolidado a outro com nota baixa e em risco de descredenciamento. No nosso caso, recebemos o apoio fundamental do Programa de Ecologia do INPA.

Mas este apoio do INPA não foi casual. Desde o início dos anos 2000 alguns membros do nosso PPG passaram a analisar os dados do Programa e quando surgiu a oportunidade do financiamento para a busca de apoio de programas mais consolidados, já existia um diagnóstico dos pontos mais sensíveis, que afetavam negativamente a formação dos estudantes e a produção científica. O plano para fortalecer esses pontos fracos incluía reformar o núcleo de disciplinas obrigatórias e muito deveria ser feito: fortalecer a base estatística e de delineamento amostral/experimental, fortalecer a formação teórica (populações, comunidades e ecossistemas) e reorganizar o curso de campo. A disciplina de campo deveria deixar de ter perfil focado na demonstração de funcionamento de algumas metodologias clássicas de amostragem para assumir um outro perfil, focado em levantar hipóteses (ligando teoria com observação de campo), planejar como testá-las, implementar o planejamento para obter os dados adequados ao teste da hipótese de interesse, analisar os dados coletados (reforço da estatística e delineamento) e redigir o trabalho científico. Dentre todos os programas do Brasil da época, acreditamos, acertadamente, que o INPA seria o parceiro ideal para auxiliar nesse processo. Nós escolhemos o INPA e não o contrário. Mas fomos acolhidos pelo grupo do William Ernest Magnusson - principalmente por ele próprio, por Albertina Pimentel Lima e Flavia Capellotto Costa, que assumiram integralmente o projeto e foram fundamentais para o sucesso da iniciativa.

Assim, Pierre relata que uma intensa reestruturação do programa teve início, introduzindo as novas atividades acadêmicas essenciais – como a disciplina de Delineamento Experimental e a abordagem diferente para o curso de campo, tornando-o mais alinhado ao que se fazia nos cursos melhor avaliados do país. Estas

mudanças foram muito positivas porque ajudaram os estudantes a prepararem melhor seus projetos, auxiliando, de forma indireta, o trabalho dos orientadores.

Sem dúvida a parceria com o INPA foi a grande marca deste período e significou um novo momento para o programa. Pierre se lembra que quando a disciplina Delineamento Amostral foi oferecida pela primeira vez, o próprio William Ernest Magnusson, autor do livro texto adotado, foi o responsável pela maior parte da carga horária, para que os docentes (não só os estudantes) pudessem também aprender com ele. Pierre lembra ainda que o curso de campo reformulado aconteceu em agosto no Pantanal, durante um período de seca muito intensa. O formato se mostrou como sendo de difícil execução por causa das limitações impostas pelo tempo muito seco e muito quente, mas foi fundamental para que os professores envolvidos percebessem que podíamos inovar e fazer da disciplina de campo uma peça fundamental do aprendizado da Ecologia e Conservação da Biodiversidade no nosso PPG, envolvendo as diferentes formações e capacidades dos nossos docentes.

Uma grade de pesquisas também surgiu nesse contexto. Já fazíamos parte da rede PELD, mas antes do trabalho comum com o INPA, e à semelhança da maioria (senão todos os demais sítios PELD em funcionamento no país), não havia integração efetiva das pesquisas, de modo que os dados coletados por um pesquisador dificilmente tinham utilidade para o trabalho de outro pesquisador. Além disso, havia muito problema de suficiência amostral e distribuição inadequada de amostras, que reduziam as chances de se coletar amostras independentes e de se amostrar áreas menos acessíveis. Para muitos pesquisadores, sem o treinamento adequado em delineamento amostral, eram recorrentes as perguntas: quantas amostras são suficientes?, são elas independentes?, como fazer coleta em pontos distantes das sedes das bases de pesquisa?, como coletar de forma rigorosa as covariáveis de que necessito para testar a minha hipótese de trabalho?”, entre muitas outras. A grade foi uma proposta do grupo do INPA para superar esses problemas¹, e as primeiras coletas de dados ocorreram em 2006, depois de superados os entraves burocráticos para sua implantação.

É importante ainda ressaltar que, de forma complementar, por meio da colaboração, tivemos também acesso a recursos que foram estratégicos para conseguirmos maior aporte de contrapartida do estado (FAPEMAT), com vantagens evidentes para o nosso PPG. Muitos orientadores se beneficiaram do projeto para obter equipamentos úteis para as suas coletas e para instalar infraestrutura de suporte em campo, especialmente no Pantanal.

¹ Ver: Magnusson, W.E.; Lima, A.P.; Luizão, R.; Luizão, F.; Costa, F.R.C.; Castilho, C.V. and Kinupp, V.F. RAPELD: uma modificação do método de Gentry para inventários de biodiversidade em sítios para pesquisa ecológica de longa duração. *Biota Neotrop.* Jul/Dez 2005, vol. 5, no. 2. <http://www.biotaneotropica.org.br/v5n2/pt/abstract?point-of-view+bn01005022005> .

Além disso, a chegada de novos doutores ainda continuava e resultava em "injeção de ânimo" neste processo. A construção do Centro de Biodiversidade, um novo e amplo espaço de salas, laboratórios, auditório, foi aprovada e muito otimismo cercava o Programa.

Um aspecto negativo, de acordo com o Pierre Girard, era a dificuldade do grupo interagir em torno de um tema gerador de pesquisa. A estrutura de estudos ecológicos de longa duração tinha sido pensada para verificar quais fatores influenciam a biodiversidade pantaneira e por isso foi instalada a grade PELD; a ideia é que os resultados de um projeto alimentasse os demais, aumentando a capacidade de publicação. Mas por razões que não se conhece, a maioria seguiu sua trajetória inicial, sem realmente aproveitar todo o potencial desta estratégia de trabalho comum. A razão, aparentemente, vinha da própria cultura científica brasileira, isto é, do cientista que trabalha isoladamente, que não compartilha dados e que não os disponibiliza. Mas este quadro passou a mudar desde então, e graças à incansável militância dos pesquisadores do INPA, sempre próximos de nós.

Nossa produção científica sem dúvida aumentou, mas, alguns problemas antigos ainda permaneciam. O descredenciamento de professores com baixa produção científica ou com produção fora da área de concentração continuava sendo necessário, o que sempre foi um processo difícil para qualquer coordenador. Depoimentos de colegas que vivenciaram de perto este período revelam, porém, um aspecto muito interessante: a característica descentralizada de coordenação trazida por Pierre Girard. De acordo com tais relatos, ele conseguia distribuir tarefas, cabendo a alguns dos professores credenciados a missão de definir e redigir muitas das cartas de descredenciamento, que levadas às reuniões da Comissão de Pós Graduação, eram aprovadas.

Neste meio tempo, enquanto se reestruturava o programa, se consolidavam as pesquisas e se estabeleciam os novos doutores que chegavam, era necessário manter o programa credenciado, mesmo com nota 3, pois a estratégia era conseguir tempo suficiente para o aumento efetivo da produtividade científica. A expectativa era que, com um pouco mais de tempo aumentaríamos nossa nota para 4, o que nos permitiria, finalmente, pensar de forma concreta no curso de doutorado. O Programa seguia com a Nota 3, mas grandes mudanças viriam a partir do trabalho comum com o INPA e com a possibilidade de novos financiamentos.

Cátia Nunes da Cunha, neste contexto, ressalta a importância do financiamento da CAPES para trabalho integrado, por meio do PNPD (Programa Nacional de Pós-Doutorado). Segundo ela, além de estimular integração de pesquisa, este tipo de financiamento passou a estimular também uma nova forma de produção científica: na direção contrária da então consolidada cultura de produção de dissertações descritivas, os novos formatos de financiamento permitiam a nucleação de

pesquisadores em torno de um pensamento ecológico teórico e conceitual, com recurso financeiro para o trabalho. Apesar da falta de lideranças com mais experiência acumulada, foi possível verificar um processo de amadurecimento dos docentes do Programa, inclusive por meio do maior número de publicações internacionais.

Havia também recurso do CNPq pela via do Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), que permitiu a consolidação de uma consistente base de dados sobre os ambientes pantaneiros. No Programa começava então a se definir o perfil de uma nova geração de doutores no núcleo permanente, o que foi ainda mais estimulado algum tempo depois pelos concursos públicos específicos para as necessidades da pós-graduação e pelo descredenciamento de vários docentes com produção não totalmente vinculada às áreas de concentração.

Já Jerry Magno Ferreira Penha lembra que na avaliação do triênio 2004 – 2006 alcançamos uma produção científica regular, que no triênio anterior – 2001 a 2003, foi considerada fraca. Para subir pra 4 teríamos que ter uma média de uma publicação qualificada por ano durante o triênio. Publicamos 0.54 em 2004, 0.75 em 2005 e 1.66 em 2006, o que deu uma média de 0.98. Embora fosse fácil mostrar que esse valor não era estatisticamente diferente de 1, nos mantiveram com a nota 3 a despeito do enorme esforço que fizemos pra subir de nível. Isso nos frustrou muito, ao menos eu e a Lúcia ficamos destruídos. Achávamos que nosso reconhecido esforço deveria ser premiado, mas a avaliação da CAPES foi bastante rigorosa. Isso desencadeou uma série de novas mudanças administrativas no curso, incluindo a criação de normas para credenciamento e descredenciamento de docentes, para exame de qualificação, normas para abertura de vagas para alunos nas seleções, além de orientação dos docentes sobre onde publicar seus artigos de modo a melhorar a qualidade das publicações, reformulação de regulamento etc.

Diferentemente do que segue ocorrendo na UFMT, Jerry Penha se lembra que continuavam buscando tomar decisões com base em dados. Inúmeros estudos internos foram feitos logo após a divulgação da nota daquele triênio, que serviram de base para os descredenciamentos que fizemos na sequência.

Mas do ponto de vista qualitativo, quase 2/3 da produção científica Qualis A internacional estava concentrada em poucos docentes. Além disso, ao mesmo tempo em que descredenciávamos docentes cuja produção científica não acompanhava o ritmo exigido pela CAPES, tínhamos que agregar novos, com perfil mais produtivo e com o mínimo de aderência às linhas de pesquisa do PPGECB. Esses docentes chegavam com suas próprias disciplinas, o que deixava o quadro bastante instável. Havia, assim, elevado *turnover* no quadro de disciplinas, decorrente principalmente da luta por formar um time afinado com a proposta do curso. Para agravar o problema, como o nosso portfólio de docentes era heterogêneo, muitas disciplinas do quadro eram oferecidas mas não recrutavam estudantes,

simplesmente porque eram de interesse muito específico, ou muito periféricas na formação de um ecólogo.

Nesse contexto, Jerry Penha destaca como marco importante da mudança (também ressaltado antes por Cátia Nunes) foi a destinação de vagas de concurso para serem geridas pelos próprios PPGs, fruto do entendimento do visionário Reitor Paulo Speller e sua equipe de bons gestores, também comprometidos com a pesquisa e a Pós Graduação. O Instituto de Biociências recebeu duas dessas vagas, que destinamos a dois departamentos diferentes, e que serviram para recrutar colegas que fizeram diferença muito positiva no Programa.

Esses docentes foram fundamentais para consolidar a transição no curso, que de multidisciplinar sem muito foco comum, passou a se focar mais em entender Biodiversidade. Isso persiste até hoje.

Jerry resume este período de transição para a nota 4 de forma bastante simples: para avançar tivemos que aumentar a produção científica, publicar artigos de melhor qualidade, reduzir a dependência de docentes estrangeiros ou de outras instituições, definir melhor o perfil do curso (entender Biodiversidade), alterar o quadro de disciplinas para oferecer formação adequada ao perfil e ajustar o aparato legal (regimentos, normas e regras) para facilitar, e tornar menos pessoal, o credenciamento/descredenciamento de docentes, e a exigência de empenho dos estudantes para que consigam produzir com a maior qualidade possível.

Fomos enfrentando todos os desafios, estrategicamente, no triênio 2007-2009, de modo que ao final desse triênio recebemos o seguinte comentário, disponível no Relatório de Avaliação 2007-2009, trienal 2010: “Quatro cursos foram promovidos de conceito 3 para conceito 4. A UFMT é um curso que mantinha um mestrado acadêmico com conceito 3 há 17 anos. Após um profundo processo de reorganização, ingresso de novos docentes e saída de outros, o resultado foi uma melhora destacada em todos os quesitos, inclusive o da produção científica.”

A proposta do Programa da UFMT passou a guardar mais coerência e ficaram evidentes os resultados dos esforços para incorporar importantes modificações em aspectos críticos do Programa. Foram redefinidas as linhas de pesquisa, foi concretizada uma profunda reestruturação curricular, houve agregação de recursos, por meio da aprovação de vários projetos individuais e de alguns coletivos de grande porte. Todo este conjunto conferiu maior identidade ao curso, aumentando sua consistência.